

COLOCANDO EM PRÁTICA A BNCC POR MEIO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE GÊNEROS

IMPLEMENTING THE BRAZILIAN COMMON CORE NATIONAL CURRICULUM THROUGH A DIDACTIC SEQUENCE OF GENRES

Margarida Paulino de Cerqueira Pinto¹
Marilúcia dos Santos Domingos²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar como as orientações dadas pela BNCC, a respeito do desenvolvimento da prática discursiva da produção de textos de alunos do Ensino Fundamental, podem ser transformadas em atividades práticas em uma Sequência Didática de Gêneros (SDG). A referida SDG foi elaborada a partir dos preceitos da vertente didática do Interacionismo Sociodiscursivo, tendo como eixo organizador das oficinas, destinadas ao ensino e aprendizagem da produção textual, o gênero relato pessoal. E as análises da SDG tomaram como norte as orientações da BNCC. Os resultados demonstram como algumas das instruções da BNCC se articulam com os exercícios que formam as oficinas que compõem a SDG, por exemplo: trabalhar os gêneros de forma contextualizadas; conciliar a temática do texto a realidade do aluno; trabalhar os elementos constitutivos do gênero: conteúdo temático, construção composicional e estilo; incorporação de novas linguagens e utilização de recursos multimídias; promover a escrita, revisão, reescrita de texto.

Palavras-chave: sequência didática de gêneros; BNCC; relato pessoal.

¹ Mestre em Letras. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Paraná. E-mail: margotcerqueira@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3746030305776474>.

² Doutora em Estudos da Linguagem. Professora do Curso de Letras, do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Ensino e do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná. E-mail: marilucia@uenp.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7350484030070515>.

Abstract: This article aims to present how the guidelines established by the BNCC regarding the development of discursive practices in text production for elementary school students can be translated into practical activities within a Didactic Sequence of Genres (DSG). The proposed DSG was developed based on the didactic approach of Socio-Discursive Interactionism, using the personal narrative genre as the central axis of the workshops designed to teach and promote textual production. The analysis of the DSG was guided by the BNCC's recommendations. The results demonstrate how several BNCC instructions align with the exercises that constitute the DSG workshops. Examples include: working with genres in a contextualized manner; connecting text themes to students' realities; focusing on the constitutive elements of the genre—namely, thematic content, compositional structure, and style; incorporating new languages and multimedia resources; and fostering writing, revision, and rewriting processes.

Keywords: didactic esquite of genres; BNCC; personal report.

INTRODUÇÃO

Conforme consta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), para que haja integração e continuidade dos processos de aprendizagem, é necessário o respeito à individualidade dos discentes. Assim, a escola deve sempre promover estratégias de acolhimento e adaptação, valorizando o que o estudante já sabe e o que é capaz de fazer para prosseguir no percurso educativo. De acordo com esse documento, a instituição escolar deve:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2018, p. 11).

Em convergência, elaboramos uma sequência didática de gêneros (SDG), destinada ao ensino da prática discursiva de produção de textos, de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais (EF-AF), tendo como eixo organizador o gênero textual relato pessoal. A intenção foi possibilitar às crianças o registro de suas vivências no período pandêmico do Covid-19. Segundo Freire (2002), com o qual comungamos, é imprescindível que o estudante tenha condições de se assumir como “ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos” (Freire, 2002, p. 19). O relato pessoal pode ser uma ferramenta, conforme concepção do Interacionismo Sociodiscursivo (Schneuwly, 2004), para que o aluno registre a sua própria história, a partir de um ponto de vista que lhe é individual.

Uma outra intenção da SDG, que é intrínseca a toda ação didático-pedagógica contemporânea, colocar em prática as orientações estabelecidas da BNCC, uma vez que o próprio momento afirma que

Com a Base, vamos garantir o conjunto de aprendizagens essenciais aos estudantes brasileiros, seu desenvolvimento integral por meio das dez competências gerais para a Educação Básica, apoiando as escolhas necessárias para a concretização dos seus projetos de vida e a continuidade dos estudos (BRASIL, 2018, p. 5).

Nesse sentido, evidentemente é preciso olhar para o documento de forma crítica, compreendendo as fragilidades que complexificam essa “garantia” apresentada. Mas, não é possível desconsiderar que a BNCC é o documento que oficialmente orienta a ação docente, normatizando o conjunto de “aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Brasil, 2018, p. 7). Portanto, as propostas de

intervenção didático-pedagógicas devem estar conciliadas às concepções teóricas e às orientações da Base.

De acordo com esses princípios, ancorados nos preceitos da vertente didática do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), elaboramos uma SDG, destinada ao ensino da produção escrita do relato pessoal, a qual visa, ao mesmo tempo, estar convergente com a BNCC. De forma mais específica, este artigo tem como objetivo apresentar como as orientações dadas pela BNCC, a respeito do desenvolvimento da prática discursiva da produção de textos, de alunos do EF-AF, podem ser transformadas em atividades práticas em uma SDG.

1. OS GÊNEROS TEXTUAIS E AS SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE GÊNEROS

Texto, segundo Bronckart (2009), é toda produção linguageira que mobiliza e organiza elementos contextuais, discursivos, linguísticos, considerando modelos de organização textual já disponibilizados dentro de uma língua. Os textos são, assim, ocorrências empíricas resultantes das diversas práticas de linguagem realizadas pelos integrantes de um grupo; estão sempre inseridos dentro de campos da atividade humana; e, embora pareçam estar baseados sobretudo ou primeiramente em “regras de um sistema, essas só podem ser identificadas por um processo de abstração-generalização, a partir das propriedades observáveis dos diversos textos utilizados em uma comunidade” (Bronckart, 2009, p. 69).

Dessa forma, ressaltamos, por resultarem de diversas práticas, estarem inseridos em diferentes campos da atividade humana (Bakhtin, 2016 [1979]), refletindo intenções comunicativas distintas e envolvendo

papéis sociais diversos, os quais os interlocutores assumem nos campos e nas práticas, cada exemplar de texto é definido por Bronckart (2009) como uma espécie. Logo, como defende Bronckart (2009, p. 72), existem diversos “‘modos de fazer textos’, ou diferentes ‘espécies de textos’”, e “na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente em um conjunto de textos ou um gênero, adotamos a expressão ‘gênero de texto’ e não gêneros do discurso” (p. 75, grifos do autor). Contudo, é essencial destacar que no que se refere à concepção de gêneros, bem como de linguagem, de interação verbal, do método sociológico para análise de texto, o ISD comunga com as do Círculo de Bakhtin, de onde advém a denominação gêneros do discurso.

A BNCC não apresenta nenhuma referência direta a essas definições, nem mesmo com indicações em seção de referências bibliográficas, no entanto suas prescrições estão a elas vinculadas, conforme pode ser comprovado pelas orientações para o componente de Língua Portuguesa:

Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas (Brasil, 2018, p. 67).

Fundamental expor que em seus estudos sobre o funcionamento humano, o ISD concebe os gêneros como instrumentos. Segundo Schneuwly (2004, p. 20), como “um instrumento psicológico”. Para o autor:

A apropriação [de um instrumento] não é senão o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção. A apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é o desenvolvimento de uma totalidade de capacidades dos próprios indivíduos (Schneuwly, 2004, p. 21 - inserção das pesquisadoras).

Desse modo, para participar de uma situação comunicativa, a ação é mediada por um instrumento, isto é, o indivíduo escolhe um gênero/instrumento, o qual é formado e carrega a cultura material, ou seja, os conhecimentos historicamente elaborados socialmente. Nesse percurso, é necessário ao indivíduo o conhecimento dos esquemas de utilização do instrumento. Para Schneuwly (2004), um instrumento/gênero só será eficaz para o indivíduo à medida que ele é capaz de se apropriar dos esquemas de utilização e de fazer adaptações no instrumento diante de outras e novas situações de interação. Esse processo de instrumentalização é “que provoca novos conhecimentos e saberes, que abre novas possibilidades de ações, que sustenta e orienta essas ações” (Schneuwly, 2004, p. 21).

É nessa perspectiva que entendemos as prescrições da BNCC para o trabalho com as práticas de linguagem, diante de nosso foco neste trabalho, de forma mais específica para a produção de texto. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 76),

O Eixo da Produção de Textos compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos como, por exemplo, [...]

narrar fatos cotidianos, de forma crítica, lírica ou bem-humorada em uma crônica; comentar e indicar diferentes produções culturais por meio de resenhas ou de *playlists* comentadas; descrever, avaliar e recomendar (ou não) um *game* em uma resenha, *gameplay* ou *vlog*; escrever verbetes de curiosidades científicas; sistematizar dados de um estudo em um relatório ou relato multimidiático de campo; divulgar conhecimentos específicos por meio de um verbete de enciclopédia digital colaborativa; [...].

Assim, para narrar, comentar, descrever, sistematizar, divulgar etc. o indivíduo se apropria e faz uso de um instrumento/gênero específico e convergente com a intenção comunicativa, o contexto da interação, quem são os interlocutores, entre outros aspectos, assim como conceituados teoricamente por Schneuwly (2004).

Diante dos preceitos teóricos, o também chamado Grupo de Genebra, Schneuwly (2004); Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), entre outros criaram procedimentos para que um gênero que existe na sociedade pudesse ser transformado em conteúdo de ensino e aprendizagem escolar. Entre os procedimentos está a sequência didática, que para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito”. Nesse sentido, a sequência didática (SD), conforme os estudiosos, tem como objetivo primordial auxiliar o estudante na melhor apreensão de um gênero textual, dando-lhe condições para escrever e falar de maneira mais profícua numa determinada situação comunicativa.

Os autores suíços apresentam um esquema de organização da SD em quatro etapas: a) Na Apresentação da situação, nessa etapa, a classe constrói “uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 99); b) Primeira produção de um exemplar do gênero, que é um diagnóstico do que os alunos já conhecem e do que ainda precisam conhecer sobre o gênero; c) nos Módulos, são trabalhados os problemas

detectados na produção inicial; d) Produção final, o estudante tem a possibilidade de produzir um novo exemplar do gênero, utilizando todos os instrumentos que foram assimilados nos módulos.

Apesar de ter um esquema com etapas, explicam Barros e Striquer (2020, p. 1420) que a SD “não é procedimento redutor e engessado, pois foi criada alicerçada em bases teórico-metodológicas sólidas que subsidiam os objetivos almejados”. Nesse sentido, as pesquisadoras concebem os procedimentos como uma metodologia, por isso passam a empregar as expressões “metodologia das sequências didáticas de gêneros” e “sequência didática de gêneros” (SDG).

2. COLOCANDO EM PRÁTICA A BNCC

Para alcance de nosso objetivo, pautamo-nos nas orientações da BNCC (Brasil, 2018), direcionadas ao EF-AF, no que se refere ao desenvolvimento de competências e habilidades para que o aluno aprimore a prática da produção de texto. Nesse sentido, investigamos quais atividades que compõem a SDG se conciliam as orientações do documento em questão, ou seja, como as instruções são colocadas em prática pela SDG.

Segundo a BNCC (Brasil, 2018, p. 18) é responsabilidade das escolas “a implementação da BNCC”, o que pode ser realizado por meio de diferentes estratégias, incluindo a “criação de materiais de apoio ao currículo”, exatamente como concebemos a ferramenta SDG.

Nesta seção apresentamos as Oficinas, seus objetivos e algumas das atividades que as compõem, de forma sintética, demonstrando como elas estão conciliadas às orientações da BNCC, as colocando em prática.

Oficina 1 - Registrando acontecimentos, fazemos parte da história do mundo. Objetivos: Compreender que o registro de experiências

vividas, principalmente, de momentos marcantes de interesse social, é uma ação de construção da história da sociedade. Foco: o contexto da pandemia causada pelo Coronavírus (2020-2022); Conhecer a proposta de ensino: aprimorar a prática da produção de textos.

Atividades: 1. Discussão e exercícios sobre a prática social de relatar fatos/acontecimentos vividos por meio de diferentes gêneros, compreendo a biografia, a autobiografia e o relato pessoal em suas funções sociais de linguagem; 2. Roda de conversa sobre o período pandêmico causado pelo Coronavírus. Foco: relato de vivências positivas; 3. Informe aos alunos sobre o formato da produção final, um livro, impresso e e-book, e definição do meio de divulgação e interlocutores. Para um detalhamento, um dos exercícios:

b) Conforme o livro de biografias que você conheceu, você também irá produzir um livro ao final desta sequência didática, será um compilado de todos os relatos pessoais dos estudantes desta classe. Onde divulgaremos nosso livro? Dê a sua sugestão, assinale com um X a sua preferência ou acrescente um novo tópico.

No blog do colégio ()

No site do colégio ()

Na biblioteca do colégio ()

Convidaremos os familiares e apresentaremos o livro a eles num café ()

Outra(s) _____

Essa oficina coloca em ação a assertiva da BNCC de que,

Da mesma forma que na leitura, não se deve conceber que as habilidades de produção sejam desenvolvidas de forma genérica e descontextualizadas, mas por meio de situações efetivas de produção de textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana (Brasil, 2018, p. 78).

As atividades contextualizam o gênero relato pessoal, isto é, o insere como instrumento mediador (Scheuwly, 2004) para que o aluno participe de uma situação de comunicação, uma prática social de linguagem: relatar vivência em um período específico; o que se insere em um campo da atividade humana (Bakhtin, 2006 [1979]), a cotidiana, na conjuntura da pandemia do Covid-19, uma excepcionalidade na vida das pessoal do mundo todo.

A justificativa para o fato da primeira oficina abordar os aspectos que envolvem o contexto amplo é porque, como mencionamos, o ISD bebe nos preceitos do Círculo de Bakhtin, para o qual a língua/linguagem deve ser estudada sempre em uma ordem sociológica, a saber:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas que realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014 [1929], p. 129).

Dessarte, nessa ordem, primeiramente, é necessário conhecer o contexto amplo de comunicação, isto é, o campo/esfera social de comunicação, a prática social de linguagem, os interlocutores envolvidos nessa interação, o objetivo e o momento social/histórico dessa interação. A segunda etapa refere-se à identificar a intenção comunicativa do emissor que pode querer, por exemplo, exemplificar, opinar, relatar uma experiência vivida, solicitar a realização de um serviço, fazer uma reclamação, entre outros. Logo, a Oficina 1 aborda exatamente esses dois primeiras estágios do estudo da língua/linguagem.

E, diante das duas anteriores, mais abrangentes, acontece a terceira etapa – exame das formas da língua, ou seja, realiza-se o estudo do gênero em relação à situação comunicativa e ao contexto amplo. Dessa forma, deve ser estudado o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo que formam todo e qualquer gênero (BAKHTIN,

2016 [1979]). Tais aspectos é que constituem as Oficinas 4, 5, 6 e 7, como demonstraremos mais adiante.

Voltando-nos ainda à Oficina 1, Atividade 3, se norteia pelo princípio de que “A apresentação da situação visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado “verdadeiramente” na produção final” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 99). Nesse sentido, logo no primeiro momento da SDG, já é definido que os relatos pessoais pelos discentes produzidos formarão um livro a ser divulgado à comunidade escolar e/ou para além dela. Assim, o destinatário da interação é real e conhecido, o que é a práxis do conceito dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, preservado pela BNCC, de que,

Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias, ainda que possam ser inconscientes, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado. Quer dizer: quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, [...] (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Portanto, nessa identificação ao aluno de quem é seu interlocutor, a ação promove que ele tenha, verdadeiramente, a quem dizer, saiba como dizer, isto é, possa selecionar os recursos adequados à situação real em questão.

Determinar o relato pessoal como eixo organizar da SDG também pode ser relacionada às competências gerais que a BNCC prescreve para que o aluno da Educação Básica apreenda, “utilizar diferentes linguagens [...] para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo” (BRASIL, 2018, p. 9). O que igualmente o documento estabelece para as competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, fazendo apenas um complemento ao enunciado em citação: “Utilizar diferentes linguagens [...] para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e

sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação” (p. 65).

Vinculados à essa perspectiva, apresentamos a Oficina 2, da SDG:

Oficina 2 – Conhecendo o relato pessoal. Objetivo: Conhecer um primeiro exemplar do gênero.

Atividades: 1. Leitura do relato pessoal “Foram três dias desde que decidi voltar até embarcar. Empacotei tudo em uma noite”, de Giovana Fleck; 2. Exercícios de interpretação textual.

De acordo com Dolz, Noverraz e Scheuwly (2004) o primeiro encontro do estudante com o gênero, na SDG, é essencial, porque coloca em evidência os aspectos gerais do funcionamento e organização textual do gênero, tornando-o um ponto de referência. O que comunga com a BNCC de que a prática da leitura deve sempre compreender dimensões como:

Reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana (BRASIL, 2018, p. 72).

Reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações (p. 73).

Oficina 3 – Produzindo um relato pessoal – instrumento diagnóstico. Objetivo: Redigir o primeiro relato pessoal.

Atividade: Escrita do primeiro exemplar do gênero. A produção inicial, conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) permite que o professor identifique quais capacidades de linguagem os estudantes já possuem a respeito do gênero em estudo, bem como de quais eles, ainda, não têm. Assim, o professor pode visualizar o caminho a percorrer, as atividades a serem elaboradas para auxiliar o aluno. Ao mesmo tempo, possibilita ao estudante a descoberta do que ele já é capaz de fazer e desperta a consciência dos problemas que necessitam de ser aprimorados. Evidentemente não é possível encontrar orientações correspondentes a diagnosticar na BNCC, este documento visa prescrever o que o aluno deve apreender, utilizar, valorizar, compreender etc, sem direcionamentos às ações docentes.

As Oficinas 4, 5, 6 e 7, a seguir, são o que Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) concebem como a etapa de Módulos, momento em que são trabalhados os problemas detectados na produção inicial e de oferecer aos estudantes os instrumentos essenciais para resolvê-los, por meio de atividades diversificadas. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), nessa etapa, devem ser trabalhadas atividades de diferentes níveis e formatos, oportunizando que o aprendiz tenha acesso, por diferentes caminhos, aos conhecimentos trabalhados.

Para abordar os aspectos do contexto de produção, elementos discursivos e linguístico-discursivos que compõem as atividades das oficinas a seguir, retomamos a afirmação da BNCC de que esse documento assume e reafirma os conceitos e orientações dos PCNs. Nesse sentido, referenciamos o PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), o qual expõe a concepção do Círculo de Bakhtin de que todo e qualquer gênero é formado por três elementos:

- . conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- . construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- . estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de seqüências³ que compõem o texto etc (BRASIL, 1998, p. 21).

Princípios teóricos adotados pelo ISD, mas empregados com outras denominações: os aspectos que constituem o conteúdo temático são chamados pelo ISD de condições de produção; a construção composicional envolve a “infra-estrutura geral do texto” (BRONCKART, 2009 [1999], p. 120) que envolve os recursos discursivos que organizam textualmente o contexto amplo, formado, então, pelo: plano geral textual, tipos de discursos e sequência tipológica; e convergente ao estilo estão os “mecanismos de textualização” e os “enunciativos” (BRONCKART, 2009 [1999], p. 99).

Os três elementos constitutivos de todo e qualquer gênero estão “indissolavelmente ligados no conjunto do enunciado”, conforme Bakhtin (2006 [1979], p. 12). Em decorrência, pensados no processo de ensino e aprendizagem e no estudo teórico e prática de um gênero, se não abordados, em conjunto, como reflexo do campo e da prática social de linguagem onde estão inseridos, implicam em não conhecimento efetivo e real do gênero.

Oficina 4 – Conhecendo o contexto de produção do relato pessoal. Objetivos: Conhecer os elementos que formam o contexto de produção do relato pessoal (local de circulação, interlocutores, intenção comunicativa, finalidade).

Atividades: 1. Exercícios sobre a importância do contexto de produção na construção dos sentidos do relato pessoal. 2. Exibição do vídeo “Gênero textual relato pessoal³” – início da produção de mural contendo as características regulares do gênero.

Para Bronckart (2009, p. 93), “O contexto de produção pode ser definido como o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado”. Essa oficina trata desses parâmetros, comungando com a proposta de ensino do componente de Língua Portuguesa descrita pela BNCC, na afirmação de que “Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção [...]” (BRASIL, 2018, p. 67). E, principalmente segue o que o documento expõe sobre o tratamento a ser dado às práticas de produção de textos, tais como:

- Analisar as condições de produção do texto no que diz respeito ao lugar social assumido e à imagem que se pretende passar a

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QTcFP8fRb6U>. Acesso em 20 ago 2022.

respeito de si mesmo; ao leitor pretendido; ao veículo ou à mídia em que o texto ou produção cultural vai circular; ao contexto imediato e ao contexto sócio-histórico mais geral; ao gênero do discurso/campo de atividade em questão etc (BRASIL, 2018, p. 77).

Esse direcionamento está refletido nos exercícios que formam a Oficina 4, da SDG, referenciamos um deles, de forma sintética, para comprovação dessa afirmação, a saber: Após a leitura de um exemplar de relato pessoal, o aluno deve completar um quadro respondendo as seguintes perguntas: “Quem produziu esse relato (emissor)? Qual a profissão dele? Para quem ele escreveu (destinatário) e como você pode comprovar sua resposta? Com qual finalidade esse texto foi escrito? Em que local foi redigido? Onde foi publicado? Quando foi escrito? Qual a temática do texto?” (PINTO, 2023, p. 180).

Em entrelaçamento, as próximas oficinas, Oficina 5 e 6, tomam como conteúdos os elementos da infra-estrutura geral do gênero textual/construção composicional e dos mecanismos de textualização e enunciativos/estilo.

Oficina 5 – Focalizando as características discursivas do relato pessoal. Objetivo: Conhecer os elementos prototípicos discursivos que organizam o conteúdo temático do gênero: plano geral; tipo de discurso e Sequência tipológica (ST).

Atividades: 1. Estruturação do plano geral de relatos pessoais – conteúdo: a organização de parágrafos; 2. Exercício de compreensão do plano geral do relato: texto em prosa; organização em parágrafos – a partir da comparação dos gêneros poema e história em quadrinhos; 3. Atividades sobre a predominância da sequência do relatar na organização do conteúdo temático; 4. Exibição de vídeo e exercícios sobre as diferenças entre a sequência do relatar e do narrar. Exemplo:

d) Observe o relato de Amanda Vagas, compare-o com a biografia da professora Selma e reflita sobre a presença ou não de marcas de autoria, ou seja, se quem escreve a história também participa dela. Converse com os colegas e a professora, registre a suas conclusões e comprove a sua resposta com fragmentos do texto.

Quem conta os fatos/acontecimentos simplesmente observa e relata o que presenciou? Ou ao mesmo tempo que conta também participa da história?

O texto é escrito em 1ª ou em 3ª pessoa do discurso? Explique o porquê o texto tem essa organização? Copie alguns fragmentos dos textos que revelam marcas de autoria.

As questões desenvolvem, na prática, as seguintes competências para a produção textual indicadas pela BNCC,

- Organizar e/ou hierarquizar informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico discursivas em jogo [...] (BRASIL, 2018, p. 78).
- Usar recursos linguísticos e multissemióticos de forma articulada e adequada, tendo em vista o contexto de produção do texto, a construção composicional e o estilo do gênero e os efeitos de sentido pretendidos (p. 78).

Oficina 6 – Refletindo sobre a importância das escolhas linguístico-discursivas na organização do conteúdo temático. Objetivo: Conhecer alguns elementos prototípicos linguístico-discursivos que estruturam o relato pessoal: tempo verbal; linguagem formal e informal; coesão por elipse.

Atividades: 1. Foco: tempo do verbo: pretérito; 2. Exibição de vídeo – conteúdo: linguagem formal e informal; 3. Elaboração de um paralelo entre a linguagem empregada nos esquetes e a dos relatos pessoais estudados; 4. Atividades sobre emprego da elipse na organização textual do gênero. Exemplo de um dos exercícios:

Você e seus colegas de grupo vão organizar um esquete - cena curta, geralmente engraçada, para apresentar para a classe. Para exemplificar a atividade, assistam ao vídeo “Saindo de casa durante a pandemia”. Depois, troque ideias com os integrantes da equipe e juntos elaborem a cena (tempo: 15 minutos) e apresentem para a classe (tempo: máximo 10 minutos). A posteriori, contribua com as outras equipes, levantando o cartaz de (*like*) se julgarem a linguagem adequada à situação comunicativa; caso discordem, levantem o cartaz (*deslike*) e dê sugestões para que a linguagem se adeque à situação comunicativa.

1. Conversa descontraída entre estudantes. 2. O diretor do colégio entra na sala de aula para dar um recado importante para os alunos sobre a importância do uso da máscara, principalmente em ambientes fechados e é interrompido várias vezes para sanar as dúvidas da turma sobre outros assuntos (aleatórios). 3. Um time perdeu uma partida de futebol e acredita que a arbitragem não foi correta. 4. A professora de Língua Portuguesa “convida” a mãe do Joãozinho para uma conversa, porque o menino não faz nenhuma atividade em sala de aula. 5. O prefeito municipal conversa com os estudantes do colégio sobre as suas propostas para o bairro e um grupo de pessoas protesta contra a tarifa do lixo. 6. Conversa entre professores no conselho de classe.

Compreendemos que tais exercícios abordam as competências para a produção textual indicadas pela BNCC,

A finalidade é possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, [...] (BRASIL, 2018, p. 63).

Identificar implícitos e os efeitos de sentido decorrentes de determinados usos expressivos da linguagem [...] (p. 73).

Utilizar, ao produzir textos, os conhecimentos dos aspectos notacionais – ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência

verbal etc., sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão (p. 78).

Apesar de não ser o foco da SDG, uma vez que o relato pessoal não é fundamentalmente um gênero da esfera digital, tampouco não com exclusividade ou principalmente deve ser publicado em suportes virtuais, a próxima oficina promove uma aproximação do aluno com questões de tecnologia da informação. Tomamos por norte o fato apresentado pela BNCC de que

[...] é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (BRASIL, 2018, p. 61).

Como pode ser observado na apresentação da Oficina 7 e sua descrição a proposta de revisão de conteúdos estudados é feita pelo Kahoot⁴.

Oficina 7 – Hora de relembrar os conteúdos estudados. Objetivo: Sintetizar os conteúdos trabalhados nas oficinas anteriores. Atividade: 1. Exercícios de revisão dos conteúdos estudados até o momento - plataforma Kahoot.

A seguir, expomos as Oficinas 8 e 9 em conjunto, porque a produção final é, conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 107), "é o momento, se assim se desejar, para uma avaliação de tipo somativo", e, continuam os autores, o "importante é que o aluno encontre, de maneira explícita, os elementos trabalhados em aula e que devem servir como critérios de avaliação" (p. 107). E, sobretudo, novamente recuperando o PCN de Língua Portuguesa, a revisão e reescrita, chamada pelo documento de refacção, "faz parte do processo de escrita [...]. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos" (BRASIL, 1998, p. 77). É o mesmo que Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 112) defendem,

[...] o escritor pode considerar seu texto como um objeto a ser retrabalhado, revisto, refeito, mesmo a ser descartado, até o momento em que o dá a seu destinatário. O texto permanece provisório enquanto estiver submetido a esse trabalho de reescrita. Podemos até dizer que considerar seu próprio texto como objeto a ser retrabalhado é um objetivo essencial do

4 Kahoot! é uma plataforma de aprendizado baseada em jogos, usada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino. Disponível em: <https://ceduc.unifei.edu.br/tutoriais/como-utilizar-a-plataforma-kahoot/>. Acesso em: 28 nov de 2022.

ensino da escrita. O aluno deve aprender que escrever é (também) reescrever.

Nesse sentido, observe as duas oficinas em questão:

Oficina 8 – Produzindo o texto final. Objetivo: Elaborar uma primeira versão da produção final de um relato pessoal. Atividade: 1. Produção da primeira versão do texto final.

Oficina 9 – Revisando e reescrevendo. Objetivo: Revisar e reescrever/aprimorar a primeira versão da produção final. Atividades: 1. Revisão do texto, por meio de um roteiro de autoavaliação; 2. Reescrita do relato pessoal a partir das questões identificadas na autoavaliação e nas correções feitas pelo professor (versão final). Enunciado de instrução ao aluno e a grade de autoavaliação:

Agora, faça uma autoavaliação do texto que você produziu na oficina anterior (8). Para realizar esta atividade, siga os critérios abaixo, vá observando com criticidade o seu texto e identificando na tabela se a sua produção contempla os itens que formam o relato pessoal, marcando sim ou não. Preste bastante atenção nessa revisão, pois servirá de base para a sua reescrita. Vamos ao trabalho!

Roteiro para autoavaliação:

1. O texto apresenta título? Ele está de acordo com o texto?
2. Seu texto apresenta um relato de uma situação ou mais que aconteceu com você durante o período de pandemia?
3. O texto segue a sequência do relatar?
4. Está escrito em parágrafos?
5. Trata-se de um texto em prosa?
6. Você escreveu seu texto na 1ª pessoa do discurso?
7. No início do relato, você conta fatos/acontecimentos relevantes e situa o leitor no tempo e espaço do acontecido?
8. Você organizou o seu texto no tempo passado, levando o leitor a perceber que se trata de fatos que já aconteceram?
9. No desenvolvimento dos fatos relatados, você colocou suas impressões sobre os fatos?
10. Para que não haja muita repetição, em especial do pronome "eu", você fez uso de elipses?
11. Você empregou uma linguagem adequada, levando em consideração o leitor do relato e onde ele será veiculado?
12. No encerramento do relato, você fez reflexões acerca dos acontecimentos relatados?

Tudo isso, entendemos, que converge com a indicação da BNCC de que é preciso que a escola desenvolva "estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos" (BRASIL, 2018, p. 78). E, de acordo com o PCN,

Separar, no tempo, o momento de produção do momento de refacção produz efeitos interessantes para o ensino e a aprendizagem de um determinado gênero:

. permite que o aluno se distancie de seu próprio texto, de maneira a poder atuar sobre ele criticamente;

. possibilita que o professor possa elaborar atividades e exercícios que forneçam os instrumentos linguísticos para o aluno poder revisar o texto (BRASIL, 1998, p. 77).

A próxima oficina volta ao trabalho com as questões que envolvem o letramento digital, em referência às indicações da BNCC.

Oficina 10 – Preparando o livro impresso e o e-book. Objetivo: Digitalizar o relato pessoal/produção final no *drive* compartilhado. Atividades: 1. Digitalização do relato pessoal no *drive* compartilhado, confeccionando assim o e-book e o livro impresso; 2. Lançamento da coletânea em evento específico.

Essa utilização de editor de texto concilia-se ao que a BNCC configura como ações imprescindíveis para que o estudante possa saber “Utilizar softwares de edição de texto, de imagem e de áudio para editar textos produzidos em várias mídias, explorando os recursos multimídias disponíveis” (BRASIL, 2018, p. 78).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afirma a BNCC que é “importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação” (BRASIL, 2018, p. 60). Ao comungarmos com essa ideia, tomamos como eixo organizador de nossa SDG o gênero textual relato pessoal, a fim de que o aluno, a partir de suas próprias experiências, pudesse interagir com a sociedade, contando algum fato por ele vivido durante o período da pandemia do Covid-19. Registros desse contexto são fundamentais para a história da humanidade.

Sobretudo, este artigo demonstra como as Oficinas e algumas das atividades que formam a SDG estão convergentes com o que a BNCC considera como competências e habilidades essenciais para que o aluno da Educação Básica adquira na escola. De forma mais específica, as orientações instituídas pelo documento são colocadas em prática da seguinte forma:

a) as atividades da Oficina 1, da SDG, apresentam o gênero relato pessoal de forma contextualizada, por meio de situação efetiva de interação e inserido dentro de um campo específico da atividade

humana (conf. orientação da BNCC na p. 78); b) ainda na Oficina 1, destinatário da interação é real e conhecido pelos alunos, o discurso a ser produzido ganhará formato, elaboração de um livro (conf. orientações nas p. 21 e p. 22); c) Oficina 2, aproximação da temática em abordagem, relato de acontecimentos durante a pandemia do Covid-19, com a realidade do aluno, promovendo a reflexão crítica sobre validade de informações (conf. orientação na p. 73); d) Oficinas 4, 5, 6 e 7 – abordam os aspectos do contexto de produção, os elementos discursivos e linguístico-discursivos que compõem o gênero textual, referenciados pela BNCC como conteúdo temático, construção composicional e estilo (conf. orientação na p. 21); e) Oficina 4 – exercícios sobre a importância do contexto de produção na construção dos sentidos do relato pessoal, colocando o texto como unidade de trabalho e promover análise das condições de produção do texto (conf. orientações nas p. 67 e p. 77); f) Oficina 5 – atividades sobre os elementos prototípicos discursivos que organizam o conteúdo temático do gênero: plano geral; tipo de discurso e Sequência tipológica (conf. orientação na p. 78); g) Oficina 6 – as escolhas linguístico-discursivas na organização do conteúdo temático: tempo verbal; linguagem formal e informal; coesão por elipse (conf. orientações nas p. 63, p. 73 e p. 78); h) Oficina 7 - a revisão de conteúdos estudados é feita pela plataforma Kahoot, isto é, incorporação de novas linguagens (conf. orientação na p. 61); i) Oficina 8 – escrita da produção final e Oficina 9 – revisão e reescrita do texto, em momentos separados (conf. orientação na p. 77); j) Oficina 10 – preparação do livro impresso e do e-book, com a utilização *softwares* de edição de texto, de imagem; exploração de recursos multimídias (conf. orientação na p. 78).

Esperamos que esse trabalho possa ser ponto de partida para outros na ação de desenvolvimento de estratégias, como é a SDG, para colocar em prática as orientações da BNCC.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. [1929] **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 203 p.

BAKHTIN, M. [1979] **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34 Ltd, 2016.

BARROS, E. M. D. de; STRIQUER, M. S. D. A metodologia da sequência didática de gêneros como mediadora de letramentos múltiplos no contexto do PROFLETRAS: nossos encaminhamentos... nossas adaptações. In: VICENTE, R. B.; DEFENDI, C. L. (Orgs.). **Estudos de linguagem em perspectiva**: caminhos da interculturalidade. Pernambuco: UFRPE, 2020, p. 1418-1425.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discurso**: por um Interacionismo Sociodiscursivo. Tradução Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. 2. Ed. São Paulo: EDUC, 2009.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; SALES, G. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: EGA, 2002.

PINTO, M. P. C. **Relatos de alunos da Educação Básica sobre a pandemia do Covid-19: uma sequência didática de gêneros para o desenvolvimento da produção textual**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS). Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio/PR, 2023.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas, In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S., **Gêneros orais e escritos na escola**, Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 21-39.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

PINTO, M. P. de C; DOMINGOS, M. dos S. COLOCANDO EM PRÁTICA A BNCC POR MEIO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE GÊNEROS. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 10, n.º 23, jan-jun/2025, p. 67-89.